AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS

UMA LEITURA CRÍTICA EM *O REIZINHO MANDÃO* E *SAPO VIRA REI VIRA SAPO*, DE RUTH ROCHA

Patricia Zabotto Ferreira
Ms. Solange Raquel Weber (Orientadora)

JUÍNA/2010

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS

UMA LEITURA CRÍTICA EM *O REIZINHO MANDÃO* E *SAPO VIRA REI VIRA SAPO*, DE RUTH ROCHA

Patricia Zabotto Ferreira
Ms. Solange Raquel Weber (Orientadora)

"Trabalho apresentado como exigência parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Letras Português/Inglês e Respectivas Literaturas."

JUÍNA/2010

AJES - INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DO VALE DO JURUENA
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS E RESPECTIVAS LITERATURAS

BANCA EXAMINADORA

_____

Dr. Cláudio Silveira Maia

_____

Ms. Rafael Eisinger Guimarães

_____

Ms. Solange Raquel Weber
(Orientadora)

Dedico este trabalho a todos os que amam e lutam por uma educação democrática e libertadora.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a Deus, aquele que fortaleceu-me sempre, inclusive, nos momentos mais difíceis da graduação.

Também, ao meu amado esposo Marcos, que na mesma jornada, apoiou-me em todo o tempo e aos meus pais e irmãos que riram e compadeceram-se comigo.

Não poderia deixar de oferecer meus votos sinceros ao Prof°. Dr. Cláudio Silveira Maia, Prof°. Ms. Rafael Eisinger Guimarães e a Prof.ª Ms. Solange Raquel Weber, grandes colaboradores para minha formação acadêmica e profissional.

Sou eternamente grata aos meus queridos irmãos da Igreja Presbiteriana do Brasil, que em suas orações sempre estava o meu nome.

Ainda, ofereço a minha gratidão à Professora Lúcia Maria Rodrigues e Luzia Antônio Pereira, dispondo de tempo para realizar uma revisão textual do presente trabalho. Porém, isentando-as de qualquer equívoco possível.

“O livro é uma das nossas mais importantes formas de expressão. Ele tem que ser valorizado pela sociedade.” (Ruth Rocha).

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem por finalidade apresentar uma leitura crítica das obras: *O Reizinho Mandão* e *Sapo vira Rei vira Sapo*, de Ruth Rocha. Sendo assim, o estudo das obras já mencionadas também aponta características fundamentais para a formação de leitores competentes e atuantes numa sociedade onde querem nos empurrar ideias prontas. Portanto, para revertermos o quadro de estagnação e conformismo do leitor em relação ao que está posto, serão apontadas algumas sugestões para os educadores trabalharem a literatura em sala como alternativa para desenvolver nos alunos, através de trabalhos diferenciados de leitura; o aguçamento da capacidade crítica e a promoção do prazer literário.

Palavras-chave: Literatura. Leitura. Crítica. Ruth Rocha.

ABSTRACT

This course conclusion present work has for purpose introduces a critical reading of the works: O Reizinho Mandão and Sapo vira Rei vira Sapo, by Ruth Rocha. Being this way, the study of the works already mentioned also points fundamental characteristics at readers' competent and acting formation in a society where they want to push us ready ideas. Therefore, to revert the stagnation situation and reader's conformism regarding which is put, they will be pointed some suggestions at the educators work the literature in classroom as an alternative to develop in the students, through differentiated work of reading, the sharpening of critical faculties and the promotion of literary pleasure.

Keywords: Literature. Reading. Criticism. Ruth Rocha.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – O Reizinho Mandão.....36
Figura 2 – Ministros, embaixadores e professores.....36
Figura 3 – O povo reduzido ao silêncio.....37
Figura 4 – A princesa e o sapo.....38
Figura 5 – A verdade dói.....39
Figura 6 – Prendendo as verdades.....40
Figura 7 – Vira sapo.....41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10

1 PANORAMA DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL 12

1.1 Origem Europeia 12

1.2 Origem e expansão no Brasil 16

2 A CRITICIDADE PRESENTE EM *O REIZINHO MANDÃO* E *SAPO VIRA REI VIRA SAPO*, DE RUTH ROCHA 23

2.1 Biografia de Ruth Rocha 23

2.2 Contexto Político e a Crítica em *O Reizinho Mandão* e *Sapo Vira Rei Vira Sapo* 25

3 SUGESTÕES PARA O USO DA LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA 31

3.1 A literatura para crianças e sua função 31

3.2 Ferramentas e sugestões para o uso da Literatura Infantil na escola 33

CONCLUSÃO 42

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 44

INTRODUÇÃO

Tendo em vista os poucos profissionais que trabalham com a Literatura Infantil conhecendo-a de forma ampla, e os poucos alunos que a compreendem, será abordado neste trabalho uma ótica diferenciada em relação à Literatura, que permita ao leitor (tanto docente como discente), compreender a partir das obras *O Reizinho Mandão* e *Sapo vira Rei vira Sapo*, as questões sociais, desenvolvendo uma leitura crítica, não apenas das obras de Ruth Rocha ou de outros escritores, mas também aprender a ler o mundo.

Em função disso, esse trabalho aborda uma leitura crítica das obras e aponta estratégias para a realização dessa leitura, mediante uma visão crítica da realidade.

As narrativas infantis atuais, de acordo com Lajolo e Zilberman (2007) possuem em suas linhas sociais, análises importantes sobre histórias que façam o personagem infantil internalizar as várias crises da sociedade.

Sendo assim, em *O Reizinho Mandão* (1978), de acordo com Lajolo e Zilberman (2007, p.154) “conta a história de um povo reduzido ao silêncio por um governante autoritário e que tem sua voz e sua fala restauradas por uma criança que enuncia as palavras mágicas: *cala a boca já morreu: quem manda na minha boca sou eu*”. Com isso Ruth Rocha faz uso da irreverência e da ironia dando uma ideia nítida de fábula e alegoria, onde a partir daí, traz na fala de uma criança a liberdade e o direito individual de expressar-se.

O objetivo primordial do trabalho é promover uma leitura crítica das duas obras, de maneira a possibilitar estratégias para trabalhar-se a Literatura Infantil em sala de aula, desenvolvendo a criticidade dos alunos para que atuem em sua sociedade.

Então, o primeiro capítulo deste trabalho apontará toda a trajetória pela qual a Literatura Infantil percorreu, desde seus traços europeus até apontar no Brasil em meados da proclamação da república.

Far-se-á valer também, do histórico escolar e os objetivos da Literatura para crianças, sendo patriótica e ufanista.

Já no segundo capítulo, será apresentado um breve resumo sobre a vida de Ruth Rocha, mostrando seu interesse pela boa Literatura, sendo influenciada desde pequena, a ter uma posição autônoma frente à Literatura e leitura crítica.

Ainda, será apontada a criticidade presente nas obras *O Reizinho Mandão* e *Sapo vira Rei vira Sapo*, na qual, a escritora com muita criatividade, faz com que o leitor queira imitar as atitudes raras de um personagem criança, que não mede as palavras, questiona e contesta autoridades, desenvolvendo assim, a capacidade de atuar efetivamente como cidadão.

No terceiro e último capítulo, serão expostas algumas sugestões para que o educador possa desenvolver seu trabalho de Literatura de maneira diversificada e agradável, promovendo um ambiente de discussões e troca de experiências.

1 PANORAMA DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

1.1 Origem Europeia

A motivação por contar histórias, segundo Silva (2007), apareceu no momento em que as pessoas sentiram a necessidade de trocar experiências que poderiam beneficiar as gerações posteriores.

É somente no encerrar do século XVII e início do XVIII, que começam a aparecer as primeiras obras literárias escritas para o público infantil.

Conforme Albino (2010), a Literatura Infantil tem seu início somente no século XVIII, a partir de algumas transformações sociais e econômicas mediante a explosão da Revolução Industrial. Diante de tal situação, a classe urbana e, por sinal, burguesa, corrobora a consolidação firmando-se junto a instituições, como a família, para que contribuam em cumprir as metas estabelecidas.

Para esta tarefa o estado, com um grande interesse por trás, apoia o modelo de família patriarcal, onde a criança passa a ser estimulada a ficar em casa, a ter uma vida comum do lar.

A criança não recebia a atenção devida por ser considerada como uma miniatura do adulto. Assim como Albino (2010), Silva (2007) contribui dizendo que até o momento não existia uma literatura especificamente infantil, porque a vida das crianças era totalmente diferente e afastada do mundo dos adultos.

Também, Zilberman (1985, p.13) afirma que

> Inexistia uma consideração especial para com a infância. Esta faixa etária não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava.

Contribuindo com este histórico, Zugno (2007) afirma que as crianças eram maltratadas pelos adultos, que não tinham nenhum compromisso com elas no que diz respeito aos próprios cuidados paternais. Além disso, não possuíam um espaço somente para si onde pudessem desenvolver-se de acordo com a faixa etária a que se encaixassem. Fica válido ressaltar que os próprios adultos que as desprezavam,

o faziam, por vezes inconscientemente, por terem sido vítimas de adultos agressores na infância.

No entanto, de acordo com Albino (2010), é a partir do século XVIII que a criança recebe uma atenção especial, sendo vista pela sociedade como um ser delicado, sem proteção e totalmente dependente. A criança passa a estar sob uma proteção e valorização, que também a exclui do mundo adulto, por ser considerado um exemplo ruim para uma idade ainda tão pequena.

E justamente neste momento, conforme Zugno e Fritzen (2004, p. 2498),

> podemos observar um novo direcionamento dado aos materiais de origem popular. Em função desse novo leitor, os conteúdos considerados impróprios foram banidos ou serenados. Um exemplo clássico apresentado no livro *Fadas no Divã* é a conhecida história do Chapeuzinho Vermelho, primeiramente retirada do folclore do século XII.

A obra *Chapeuzinho Vermelho*, com sua origem folclórica do século XII, conforme as autoras citadas acima, começa a apresentar-se em várias versões: a mais antiga é *A História da Avó*, possuindo uma conotação de erotismo, que mais tarde é melhorada por Perrault e em seguida pelos irmãos Grimn, até ficar no ponto para ser lida pelo público infantil.

A criança, fora do mundo perverso do adulto torna-se solitária e para resolver tal situação faz-se necessária a criação de um estabelecimento que continue a mediar uma relação entre a criança e a sociedade. É neste contexto que passa a existir além da instituição Família, então, a instituição Escola.

Passando pela peneira do século XVII, de acordo com Lajolo e Zilberman (2007), algumas histórias surgem para o pequeno leitor, reconhecidas como apropriadas para este restrito público. Um exemplo disso são as fábulas de La Fontaine publicadas no ano de 1668 e 1694, Fénelon com *As aventuras de Telêmaco* editada em 1717 e os contos de Charles Perrault, *Contos da Mamãe Gansa*, que trouxe em sua primeira versão o nome de *Histórias ou narrativas do tempo passado com moralidades*.

Nos primeiros textos que surgiram com a intenção e o nome de infantil, só mudavam os personagens, porém as situações das histórias eram sobre questões do mundo do adulto. Diante disso, Zugno (2007, p. 24) nos aponta que

> [...] os primeiros textos infantis trouxeram consigo a preocupação de ensinar e ofereceram uma visão “adultocêntrica” da realidade. Para atrair a atenção

> dos jovens ouvintes ou leitores, alguns recursos eram utilizados, tais como: o uso de animais como personagens, a presença de mistérios a serem desvendados, situações favoráveis à imaginação, apresentação de ilustrações e até mesmo a utilização de uma linguagem menos elaborada, para supostamente facilitar a compreensão daqueles que ainda não dominavam os recursos linguísticos.

Porém, é somente mais tarde, no século XVIII, que a literatura recebe o nome e a atenção devida às crianças e começam a aparecer obras infantis para a comercialização.

De acordo com Lajolo e Zilberman (2007), desde seu início, a Literatura Infantil, (decorrente de um processo crescente de industrialização e avanços tecnológicos), torna-se um produto, uma mercadoria para o crescimento econômico pelo grande avanço na qualidade da impressão, na produção e surgimento de novos gêneros literários, fazendo com que esse mercado crescesse cada vez mais.

Para atender às necessidades da criança alfabetizada, a literatura e a escola somam forças para que o aluno passe a ser um consumidor ativo de livros, e como uma cadeia, aumente sua produção.

Contudo, sem ter como reverter o estado de expansão da Literatura Infantil, faz-se necessário definir qual a função deste novo gênero, então, conforme Zugno e Fritzen (2004, p. 2499)

> Foi a perspectiva utilitária que presidiu essa discussão, conferindo a esse gênero literário a função sobretudo de educar pela transmissão de valores morais e/ou informativos. [...] Pode-se dizer que a literatura infantil tinha a tarefa de domar as forças imprevisíveis do imaginário infantil, oferecendo em troca verdades morais que preparavam a criança para atuar como adulto responsável na sociedade burguesa.

Conforme Lajolo e Zilberman (2007), aliada à família, a escola vem unir-se a essa instituição justamente para passar a ideia de que as duas, família e escola, estão juntas a favor da mediação entre a criança e a sociedade. Fazendo isto, a instituição escolar, ao estar tão próxima à família, evita que esta a questione e a confronte.

No entanto, Zilberman (1985, p.13) afirma que “A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e a manipulação de suas emoções.”.

E neste momento, as escolas começam a trabalhar nesse sentido. É aí que surgem os primeiros textos específicos ao público infantil, sendo escritos por professores e pedagogos, que possuem a grande missão de tornar as crianças seres que

apenas reproduzem o que está posto, e não cidadãos pensantes e questionadores que podem opinar e tomar decisões junto à sociedade.

A partir de tais afirmações, pode-se perceber que a Literatura Infantil e a escola serviam como ferramentas de imposição do modo de pensar e agir das crianças, tudo isso, inconscientemente, implícito nos textos dos livros didáticos, e, portanto, em casa, a moral era reforçada pela mãe que servia de zeladora para o lar e para a criança, conforme nos afirma Silva (2007).

No entanto, Zugno (2007, p. 17-18) faz menção às famílias que não concordavam com o surgimento da escola por acreditarem ser muito punitiva e rigorosa com alunos de tão pouca idade.

Em contrapartida, muitos pais, aliados a opiniões do próprio sistema, acabavam concordando com o fato de ser melhor o filho estar recebendo uma educação severa e não ser tratado com mimos como alguns adultos queriam, pois isso poderia levar os pequeninos à perversão.

Mesmo alguns não concordando com a instituição escolar, esta se valorizava por oferecer ao seu público infantil a oportunidade de criar um círculo de amizade, que consequentemente, caminharia todo o período escolar junto e poderia fortalecer-se pós escola; também fornecia ao educando aulas de retórica para que pudesse aprender a discursar com firmeza e derrotar seus próprios medos; por fim, outra *vantagem* de ter um filho frequentando uma unidade escolar, era que, desde cedo, eles eram treinados a competir uns com os outros, já como uma ferramenta que posteriormente poderiam utilizar quando adultos.

Entretanto, conforme bem nos aponta Zilberman (1985), a escola entrou em contradição em suas relações com a vivência de seus alunos, negando-lhes o social, colocando no lugar, ao trazer a criança para o seu interior, as normas a serem seguidas, que por sinal, eram normas e valores pertencentes ao poder vigente, que foram transmitidas aos discentes.

Com tudo isso, a instituição escolar privava os alunos do convívio social, para justamente evitar que estes, ao verem os conflitos da sociedade, discutissem e questionassem o poder burguês atuante.

Não foi à toa que a burguesia, durante o século XVIII e XIX, foi a grande mantenedora, que promoveu a expansão e *qualificação* da instituição escolar, e consequentemente, aquela que controlava a mente dos jovens.

1.2 Origem e expansão no Brasil

Para começarmos a falar de uma Literatura Infantil no Brasil, Albino (2010) nos mostra que, alguns textos para o público infantil só começaram a ser publicados em terras brasileiras por volta de 1808 com a fundação da Imprensa Régia.

Porém, uma Literatura Infantil efetivamente brasileira só vem aparecer a partir do final do século XIX, num contexto de processo educativo da criança.

Essa literatura apontava com grande firmeza os tipos de histórias que os pequenos mais gostavam, fazendo parte deste seleto grupo as fantásticas, as aventureiras e aquelas que exploravam o cotidiano da criança.

Mesmo com a implantação da Imprensa, a produção e o comércio de obras infantis no Brasil ainda acontecia de maneira bastante deficitária e fora dos padrões devido ao público jovem.

Isso acontecia, nos explica Lajolo e Zilberman (2007), pelo fato de os textos destinados a este público serem escritos em Português de Portugal, que muitas vezes era desconhecido pelo pequeno leitor brasileiro, o que não gerava sentido para tal leitura, pois era uma linguagem bastante distante da língua falada pelos brasileiros. Mas esta situação, com o passar do tempo, começou a gerar questionamentos e discussões, já que era visível a necessidade de criar uma Literatura Infantil. Foi levantada a possibilidade de escritores brasileiros passarem a traduzir obras para esses pequenos leitores. Dentro deste mesmo pensamento começaram a surgir muitos programas para tornar nacional, as obras infantis europeias.

O primeiro programa de nacionalização do livro deu-se em 1894, com *Contos da Carochinha,* através do cronista Figueiredo Pimentel, que aos poucos ia traduzindo as antigas obras de Perrault, Grimm e Andersen, chegando então à mão das crianças, devidamente adaptadas à língua nacional.

Sendo assim, a editora Melhoramentos inaugura, no Brasil, sua primeira biblioteca infantil, no ano de 1915. Dirigida pelo professor Arnaldo de Oliveira Barreto, a biblioteca passa a conter em seu acervo, como primeiro volume de sua coleção, a tradução da obra de Andersen, *O patinho feio*.

Anterior a Pimentel, não podemos deixar de mencionar a pessoa de Carlos Jasen que se preocupou com a melhoria dos textos destinados às crianças, então tendo o vasto trabalho de traduzir várias obras, dentre elas *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusoé* (1885) e *As aventuras do celebérrimo Barão de Münchhausen* (1891).

No entanto a história da Literatura Infantil só aparece em nosso país em meados da Proclamação da República, e, justamente nesse período, o Brasil passava por grandes mudanças, sendo a principal delas o sistema de governo que passou de Monarquia para Republicano, tendo como ambição maior um país em crescente processo de modernização.

Ao findar do século XIX, conforme Albino (2010, p. 4-5), vários fatores contribuíram para caracterizar como moderno o nosso país, sendo eles

> [...] a extinção do trabalho escravo, o crescimento e a diversificação da população urbana e a incorporação progressiva de levas de imigrantes à paisagem da cidade. Visto que essas massas urbanas começam a configurar a existência de um virtual público consumidor de produtos culturais, o saber obtido por meio da leitura passa a deter grande importância no emergente modelo social que se impõe, fazendo com que a escola exerça um papel fundamental para a transformação de uma sociedade rural em urbana.

A citação acima nos mostra o quão grande era a ânsia por tornar o país modernizado. A escola foi utilizada como ponte para esse processo, fazendo com que a instituição que detinha o *conhecimento* fosse instrumento e agente transformador para que a população se tornasse cada vez mais urbana, podendo assim, moldar-se aos padrões do consumismo, do que também não escaparam as obras literárias infantis.

Com isso, os instrumentos que contribuem para o processo de modernização, já citado anteriormente; são as obras destinadas às crianças e os livros escolares, recebendo a aprovação e o controle da parte dos intelectuais, políticos e educadores que passam a aprovar esses gêneros para produzir livros didáticos e literários visando os alunos e o processo de alfabetização pelo qual todos deveriam passar.

Tendo em vista que o poder político é que comandava o que era ensinado nas escolas, cada vez mais eram produzidos livros para o público infantil consumidor, reforçando enfaticamente o ufanismo.

O período entre 1920 até 1945, conforme Albino (2010), tornou-se o marco da emancipação do novo gênero, a Literatura Infantil brasileira; o qual, até então, era cópia europeia.

O conceito de modernização e modernismo foi determinante para a produção literária infantil durante o início do século XX, tendo como resultado desta produção um público consumista sólido, o crescimento da escolarização dos grupos leitores que consequentemente eram os consumidores em massa dos livros, e a nova postura da literatura e da arte pós-revolução modernista.

Esses resultados demonstram que a produção de livros para crianças estava se expandindo como nunca no Brasil, tendo como consequência o prestígio e a motivação das editoras, que incentivavam o aumento da produção, bem como a contratação de escritores que faziam parte da geração modernista, possuindo em suas obras algumas novidades, como a valorização do presente, a exaltação da cultura nacional e da oralidade, que já faziam parte do contexto literário do público adulto.

No entanto, mesmo com esse grande salto, a Literatura Infantil resumia-se ainda a apenas suprir a necessidade escolar, e esta impunha aos escritores escrever somente o que a instituição queria que fosse ensinado, sendo uma literatura utilitária, que privava as crianças da criatividade e da entrada no mundo da fantasia, pois o Estado era o responsável pelo projeto de alfabetização, e ele, não queria desenvolver a ludicidade na Literatura Infantil, e sim o amor e a obediência à pátria.

Surge no Brasil, ao contrário de tudo que até então existia, uma nova estética literária; a de Monteiro Lobato, que investiu grandemente neste público infantil, sendo autor de livros com novos elementos estilísticos, e ao mesmo tempo, empresário, pois abriu editoras, que contribuíam para o avanço da modernização da produção literária do país.

Lobato inicia sua produção para os pequenos leitores em 1921 com *Narizinho arrebitado.*

Em suas obras o autor dá prioridade ao estilo infantil espontâneo, valorizando a oralidade, as expressões populares, aos neologismos e as onomatopeias.

E realmente esta nova estética vem romper com o modelo pedagógico-conservador predominante nos textos da época, pois o escritor estimula o leitor a ver a realidade por si mesmo, instiga a criança a tornar-se crítica, mostrando problemas sociais, políticos, econômicos e culturais discutidos pelos personagens das histórias.

De acordo com Zilberman (2005), Monteiro Lobato surpreende mais uma vez os leitores com outra grande e encantadora produção, *O Sítio do Picapau Amarelo*, querendo mostrar, implicitamente, que o sítio é um mundo que não depende de ninguém, ele é auto-suficiente. Sendo assim, podemos perceber que o sítio não é apenas um lugar onde a família enriquece com os frutos que a terra produz, conforme Zilberman (2005, p. 26-29), mas também é um lugar ideal porque

> É dirigido por uma pessoa culta, inteligente, bem-intencionada e competente, Dona Benta, modelo do político que, segundo Lobato, deveria governar o Brasil; [...] Dona Benta é igualmente uma pessoa liberal e democrata, escuta os demais, acolhe opiniões divergentes, opta pela solução prática que, ao mesmo tempo, beneficia a todos. O sítio está aberto para todos, sem discriminação.

Com esta fala podemos concluir que a inteligência de Lobato é esplêndida, ao fazer um jogo da ficção com a realidade, criticando na obra do *Sítio* o modelo da sociedade e da política, por parte da própria personalidade dos personagens da obra.

Concordamos em dizer, de acordo com Albino (2010), que Lobato não apenas marcou a Literatura Infantil, como também, tornou-se a referência máxima dessa literatura.

Devemos ressaltar também o período da década de 40 a 60 que recebe destaque pela abundância literária, que se dá ao fato de os escritores se profissionalizarem e as editoras se especializarem, expandindo, então o comércio literário infantil.

Apesar de o sucesso da indústria literária ser grande, surgem alguns problemas por causa de sua expansão tornando as obras repetitivas, só trocando os personagens, porém, inseridas no mesmo contexto que Lobato gostava de trabalhar: os temas ruralistas.

Em geral, além de continuar com sua inseparável missão ufanista, negando o espaço para a expressão do povo, e não rompendo com seus mecanismos de dominação, a Literatura Infantil desse período sentiu-se à vontade para reproduzir o

modelo literário internacional, aderindo à cultura de massa, que se enquadrava nas exigências do público consumidor e atingia ao padrão de qualidade requerido.

Comparando com a geração de Monteiro Lobato, a geração de 40 a 60, deixou muito a desejar quanto à qualidade das obras produzidas para os pequeninos aqui no Brasil.

Surge mais um período essencial que marca as décadas de 60 a 80, trazendo um estado resumido de autonomia na Literatura Infantil, tanto na produção e consumo dos livros, quanto nas formas e conteúdos dos mesmos.

Dentre as características presentes nas obras deste período podemos destacar a maneira inovadora de criar os personagens; os enredos de temática rural passam a unir o social e o individual e, agora sim, a oralidade é valorizada.

O que podemos observar na produção infantil até a década de 70, de acordo com Albino (2010, p. 13), no que se refere à modernização e ao processo de industrialização, é que “os textos passaram a ser escritos segundo o modelo da produção em série e o escritor, reduzido à situação de operário, passou a fabricar seu produto segundo as exigências do mercado.”.

Porém, não era a criança a consumidora final do livro, que realizava tais exigências, e sim as entidades responsáveis pela mediação entre o livro e a leitura deste, conforme bem nos coloca Albino (2010, p. 13)

> Pertencentes ao mundo adulto – família, escola, Estado -, essas instâncias responsáveis pela seleção e aquisição de obras que seriam lidas pelas crianças, determinavam a veiculação de valores como o pedagogismo, o elitismo burguês e a opção por um padrão linguístico segundo a norma culta.

Sendo assim, podemos considerar que houve um regresso, um declínio muito grande em relação ao nível elevado em que se encontrava o gênero literário infantil, pois, mais uma vez não houve o rompimento da relação utilitária e conservadora desta literatura.

Frente à tal situação, resgatando uma posição tomada anteriormente por Lobato, os escritores após a década de 60 e 70 começaram a levantar questionamentos a respeito da literatura utilitária imposta pelo poder dominante.

O conceito de cultura obtido para o gênero literário infantil entre 60 a 70 tornou-se sem forma, pois expunha o que era correto apenas sob a ótica de uma classe social, a burguesa, que detinha o controle das produções.

Em oposição à tendência utilitária, Alceu Amoroso Lima, na década de 20, foi um dos raros escritores a apresentar uma abordagem crítico-reflexiva, colocando então a Literatura Infantil em harmonia com a literatura destinada aos adultos.

Somente depois da metade da década de 70 é que a literatura para crianças passa a ser inserida e discutida nos ambientes universitários, sendo assim, a teoria da Literatura Infantil no Brasil abriu horizontes para outras abordagens.

Essa teoria, de acordo com Albino (2010, p. 19), introduziu novas abordagens contemporâneas voltadas

> [...] à análise dos comprometimentos ideológicos dos livros destinados à infância; ao entrelaçamento do texto com o seu receptor; à importância do elemento lúdico; à representação da criança no texto, evidenciada por escolhas estilísticas referentes ao foco narrativo, personagens e linguagem; e à preocupante crise de leitura observada nos últimos anos.

Foi bastante significativo a Literatura Infantil ter se tornado um gênero literário, passando então a existir novas abordagens e tendências, direcionadas a quem realmente interessa importar, as crianças, pequenos leitores que merecem textos que atendam às necessidades da infância, desenvolvendo o imaginário infantil fazendo uso da ludicidade.

Ainda em 1978, conforme Zilberman (2005), a renomada escritora Ana Maria Machado, facilmente recordada na memória das crianças por ter uma contribuição na revista *Recreio*, lança uma obra bem diferente das que eram o padrão da época, *História Meio ao Contrário*, que não tomava partido de nenhum lado, o que se tornava no mínimo estranho, pois não era comum esse tipo de história, que além de tudo, gerava questionamentos e ao mesmo tempo sabia envolver e divertir o leitor.

Foi na transição entre os anos 70 e 80 que a literatura de Ana Maria Machado teve seu marco, e a produção literária infantil começou a não se dobrar mais ao sistema posto, podendo ser literário, político ou econômico, que fosse. O gênero infantil traçava novas metas para construir uma nova história a partir de então.

Também foi nesta época que os personagens dos contos de fada permaneceram nas histórias para crianças sendo fadas, reis e sapos, porém, ressurgem com uma roupagem diferente da existente nas traduções feitas por Figueiredo Pimentel das obras europeias, antes de o gênero literário infantil se consolidar.

Sendo assim, primeiramente podemos destacar a obra de Fernanda Lopes de Almeida, *A Fada que tinha Ideias* (1971), onde Clara Luz, a protagonista criativa da história, não admitia ideias prontas presentes no Livro das Fadas, que deveriam ser obedecidas; Eliane Ganem lança *A fada desencantada* (1975) que quer renunciar ao estado em que se encontrava desde quando nasceu, de ter que fazer magias e defender os outros; Bartolomeu Campos Queirós publica *Onde Tem Bruxa, Tem Fada*, que compartilha da mesma situação vivenciada pela fada da obra anterior.

Já em 1986, Pedro Bandeira presenteia as crianças com *O Fantástico Mistério de Feiurinha*, onde a personagem principal está sendo esquecida dos contos de fadas, e tem que ser relembrada para não cair no esquecimento.

Agora apontaremos alguns autores que trabalham bem com os personagens *Reis* nas histórias infantis, sendo um deles, Eliardo França, escritor e ilustrador de *O Rei de Quase-tudo* (1974); *O Reizinho Mandão* (1978), *O Rei que não sabia de Nada* (1979) e *Sapo Vira Rei Vira Sapo* ou *A Volta do Reizinho Mandão* para completar a trilogia de Ruth Rocha, fazendo-se valer da alegoria frente ao governo da época; e para ajudar no assunto referente a sapos, temos a autora Cora Rónai com *Sapomorfose, o Príncipe que Coaxava* (1983), onde questiona as convenções, o conformismo e os lugares comuns.

É justamente sobre as obras da autora Ruth Rocha, *O Reizinho Mandão* e *Sapo Vira Rei Vira Sapo* ou *A Volta do Reizinho Mandão,* que trataremos no próximo capítulo, analisando o contexto político-social em que estas obras foram escritas e apontando a crítica ao sistema político dentro das duas obras já citadas acima.

2 A CRITICIDADE PRESENTE EM *O REIZINHO MANDÃO* E *SAPO VIRA REI VIRA SAPO*, DE RUTH ROCHA

2.1 Biografia de Ruth Rocha

A escritora Ruth Rocha possui uma formação acadêmica em Sociologia e Política pela USP, com pós-graduação em Orientação Educacional pela PUC.

Assim sendo, suas obras são carregadas de contestação ao mau uso do poder e aos problemas sociais, destacando-se pela criticidade.

Essa escritora nasceu no ano de 1931, na cidade de São Paulo, morou na Vila Mariana onde existiam chácaras por onde passava a caminho da escola, nos informa o seu site[1].

Ela foi influenciada para esta profissão, desde pequenina através de sua família, relata em uma entrevista dada na internet[2].

Ruth conta que foi muito influenciada por seu avô, nascido no Pará, que por sinal, era primo de Castro Alves. Ele declamava longos poemas de cor, incentivando os filhos a decorarem também.

Os críticos dizem que as obras de Ruth possuem grande caráter oral, isso é bem explicado quando ela afirma que seu avô foi um excelente contador de histórias, fator determinante para sua carreira profissional. Sua família sempre foi aberta ao diálogo, o pai sempre exigiu que todos estivessem à mesa na hora das refeições, gostava que os filhos lhe contassem as histórias que estavam lendo, nesses horários, e quando eles não sabiam o que significava determinada palavra, logo recebiam a ordem paterna de que buscassem a resposta através de um dicionário, com isso eles descobriam muitas coisas e se divertiam muito

Percebemos que além da influência do avô, do incentivo do pai, ainda existia outra pessoa que gostava bastante de motivar à leitura, esta era sua mãe, Esther Sampaio.

---

[1] Disponível em: <www2.uol.com.br/ruthrocha>.
[2] Disponível em: <www.maiscascavel.com.br/news.php?news=2503>.

A escritora lembra-se das histórias de Monteiro Lobato contadas pela mãe, quando ela ainda não sabia ler. Dona Esther comprava um livro por vez na livraria, e não a coleção inteira, a fim de gerar uma expectativa para o próximo livro a ser adquirido.

Porém, quando Ruth e sua irmã já eram adolescentes, tiveram mais dois irmãos e passaram a assumir o papel anteriormente desempenhado por sua mãe, lendo livros para os dois irmãos mais novos. Monteiro Lobato sempre foi presente na infância e continua ocupando um espaço especial na vida da escritora.

Trabalhou como Orientadora da Educação na escola Rio Branco durante 15 anos, onde pôde vivenciar os conflitos infantis diante das grandes mudanças desta época (1956 – 1972).

O início de sua carreira como escritora foi em 1967, quando escreveu alguns artigos sobre educação para a revista Cláudia e teve participação na criação da revista Recreio, pela editora Abril, em que publicou em 1969 suas primeiras obras: *Romeu e Julieta*, *Meu Amigo Ventinho*, *Catapimba e Sua Turma*, *O Dono da Bola*, *Terezinha e Gabriela*, todas de ficção. Ainda, nesta mesma editora, foi Redatora e Diretora do setor infanto-juvenil, conforme nos informa seu site.

Sua primeira obra a ser publicada foi em 1976, *Palavras Muitas Palavras*. No total, já possui mais de 130 obras publicadas, sendo elas de ficção, didáticos, paradidáticos e até um dicionário, e possui muitos livros traduzidos em mais de 25 Línguas.

As obras de Ruth são carregadas de interesse pela problemática social e política, com um forte conteúdo crítico, tudo isso recebido por influência de Monteiro Lobato.

Seu livro mais famoso é *Marcelo, Marmelo, Martelo* atingindo mais de um milhão de exemplares vendidos.

Durante seis anos, a escritora foi integrante fixa da mesa de debates do programa Gazeta meio-dia na TV.

A escritora também ganhou vários prêmios, os mais importantes do Brasil, relacionados à Literatura Infantil e hoje faz parte do Conselho Curador da Fundação Padre Anchieta.

2.2 Contexto Político e a Crítica em *O Reizinho Mandão* e *Sapo Vira Rei Vira Sapo*

As obras aqui analisadas, foram produzidas entre 1964 à 1985, período que abarca a Ditadura Militar Brasileira.

O Brasil prosseguia crescendo na década de 50 e início de 60, conforme Zilberman (2005), prova disso foi a vitória por duas vezes consecutivas na Copa do Mundo. No entanto, a economia não deu conta de sustentar-se pelo grande desenvolvimento exigido a curto prazo, no governo de Juscelino Kubitschek, com a meta de desenvolver o país cinquenta anos em cinco, aparecendo então a inflação, dívidas, crescimento e agitação urbana, protestos no campo e na cidade.

O governo posterior não conseguiu controlar a situação econômica do país, gerando desconfiança e caindo em descrédito entre a classe dominante que sentiu a necessidade de depô-lo, o que realmente aconteceu, porém, da pior maneira possível: “[...] o Exército tomou a frente e responsabilizou-se por um golpe de Estado, derrubando o presidente e colocando outro no lugar, um general fardado.” (ZILBERMAN, 2005, p. 45).

É a partir deste episódio que a nossa história fica terrivelmente marcada por um governo militar.

Esta nova etapa, em princípio, ficou conhecida como revolucionária, de acordo com Zilberman (2005), mas aos poucos tornou-se desnuda, deixando às claras a sua verdadeira identidade conservadora, autoritária e coerciva.

Entretanto, isso não foi o bastante. A total decadência veio em 1968, quando foi decretado o Ato Inconstitucional nº 5 (AI-5), o qual proibiu qualquer coisa que fosse contrária ao militarismo, e ainda, aos que se opusessem, seriam impostas punições como ser deposto do trabalho, preso ou até mesmo sofrer torturas.

Foi tornando-se complicado para os artistas continuarem suas vidas no próprio país, como o Glauber Rocha (cineasta) e Augusto Boal (dramaturgo) que precisaram se exilar, e muitos para não irem embora, acabaram saindo de cena por determinado tempo.

O poder repressor atacou também a Literatura, porém, esta sofreu menos. Ademais, a Literatura Infantil,

> [...] que, talvez por não ser vista, não era lembrada, pôde se apresentar como uma dessas válvulas de escape, por onde os produtores culturais - escritores, ilustradores,artistas em geral – tiveram condições de manifestar ideias libertárias e conquistar leitores. (ZILBERMAN, 2005, p. 46)

Assim sendo, muitos escritores não se acovardaram e mergulharam na criatividade para não omitirem dos pequenos leitores o que estava acontecendo com a sociedade deles, por meio de histórias envolvendo a ludicidade.

Foi entre 1975 e 1985 que renasceu, nas narrativas infantis, personagens como nos antigos contos de fadas, com a presença de bruxas, madrastas, príncipes, princesas, reis e meninas pobres, porém, não mais com um fim moralístico, e sim como apontamento para reflexão e discussão a respeito de temas contemporâneos, que chamaria a atenção dos pequenos leitores, tanto dentro como fora da sala de aula.

Os personagens da literatura deste período apresentavam características até então raras para as histórias infantis, dentre elas a criatividade, a contestação de ideias prontas, a capacidade de contradizer autoridades e questionar o inquestionável e tradicional, desafiar, quebrar regras impostas pelo sistema político dentre outras.

Alguns escritores então enxergaram que somente a educação traria a liberdade e promoveria a formação de leitores críticos.

Um grande nome que se tornou destaque na área educacional é o de Paulo Freire, que teve suas idéias alastradas por todo o país.

Entretanto, escreveu o livro *Educação como Prática da Liberdade* depois da queda de João Goulart, início do golpe de estado de 64, por isso foi afastado de atividades acadêmicas, escrevendo nos intervalos da prisão e finalizando-o, no exílio.

Para termos esta obra em mãos, Freire se empenhou e se arriscou muito, e junto com ele, apoiando-o, alguns intelectuais, estudantes, pessoas simples, todos unidos num só propósito, conforme (FREIRE, 2008, p. 45), na “[...] humanização e libertação do homem e da sociedade brasileira.”

É nessa perspectiva de libertação, que vários personagens reis surgiram nas narrativas dessa época, para expressar uma posição contrária à prática do poder, que era exercida de forma autoritária, remetendo às autoridades da Ditadura Militar.

Dentre os reis mais conhecidos, destaca-se *O Reizinho Mandão* (1978), de Ruth Rocha que surge justamente como crítica ao modelo de governo militar, opressor.

A escritora narra em forma de cordel, a vida de um garotinho mal-educado, que nasceu numa família real e tornou-se herdeiro, ao falecer o bondoso rei, entretanto, era autoritário e pensava ser dono do mundo.

A autora escreveu esta história para ser cantada e não contada. Isso fica evidente no início, quando diz: “Quando Deus enganar gente, Passarinho não voar... A viola não tocar, Quando atrás for na frente, No dia em que o mar secar, Quando prego for martelo, Quando cobra usar chinelo, Contador vai se calar...” (ROCHA, 1997, p. 5). Com esta introdução, o narrador deixa evidente que são atitudes impossíveis de acontecer, no entanto, de acordo com Zilberman (2005), podem fazer um cantador “se calar”.

E essa atitude é assumida pelo Reizinho quando começou a baixar vários decretos, proibindo as pessoas de tudo e mandando em todos. Seus conselheiros, ministros, embaixadores, professores, ao tentarem convencer o rei a mudar de ideia, eram também reprimidos, pois só ele achava que sabia o que era melhor para o reino.

O reino tornou-se infeliz, e todos foram proibidos de se expressar. Com o passar do tempo, o Reizinho cansou do silêncio e seguiu à procura de alguém que ainda lembrasse como era a fala, mas em todas as portas que ele batia, as pessoas o atendiam com espanto e somente acenavam com a cabeça diante do que ele perguntava. Mas até que, numa casa, ao pressionar uma menina para falar alguma coias, foi surpreendido com a ousadia da criança que gritou: “Cala boca já morreu! Quem manda na minha boca sou eu!” (ROCHA, 1997, p. 34).

A menina com seu grito, afirma Zilberman (2005), desfaz a maldição da opressão trazendo de volta a liberdade ao reino, redescobrindo sua voz e com tudo isso, o governante indesejável acaba não suportando a voz do povo e foge, tendo a possibilidade de ter virado um sapo.

Ruth faz uso da alegoria para apresentar o sistema de governo autoritário presente no Brasil nos anos 70, que nada mais era do que um *Reizinho Mandão*, que procurava calar seus opositores, prendendo e torturando.

Este livro, embora escrito em 1978, mantém-se atual, pois ainda existem muitos meios de controle, como os meios de comunicação, por exemplo, e na vida cotidiana ainda nos deparamos com crianças e adultos *Mandões*. No entanto, a obra nos adverte que: “[...] submissão gera silêncio e infelicidade.” (ZILBERMAN, 2005, p. 62).

Com as problemáticas de governo apontadas na obra, Ruth Rocha deixa clara a sua indignação com os meios de manipulação e dominação existentes em nosso país.

Continuando com sua postura crítica, a escritora enfatiza novamente, em 1982, através de *Sapo Vira Rei Vira Sapo* ou *A volta do Reizinho Mandão*, o cuidado que devemos ter com aqueles que querem deter o poder.

De novo a obra revela um governo mal-educado, autoritário, que não leva em consideração a opinião dos outros, mas que ao final, é rejeitado pelo povo.

Porém, na primeira história analisada aqui, o príncipe virou um sapo. E no começo desta outra, ele está à espera de alguma princesa que possa beijá-lo, sendo assim, logo surge uma princesa em apuros

> [...] que, após ter perdido sua bola de ouro no fundo de um lago, pede auxílio a um repugnante anfíbio para recuperar o precioso brinquedo. Ele aceita a tarefa em troca de um beijo, prometido pela jovem; obrigada a cumprir a palavra, ela tem uma agradável surpresa, pois, [...] o animal metamorfoseia-se num belo príncipe, seu futuro esposo. (ZILBERMAN, 2005, p. 63).

Entretanto, após o sapo virar príncipe novamente, retornou ao trono e tomou posse do governo, tornando-se um péssimo administrador, mandando e desmandando, continuando a inventar leis que não traziam benefícios nenhum para o reino, pelo contrário, só gerava cansaço e silenciamento, querendo interferir até na maneira das pessoas pensarem.

Com a má administração, as pessoas começaram a reclamar e só falavam mal do rei, na verdade, elas só diziam as *verdades* mesmo, as realidades que aconteciam, porém, assim como na ditadura, as pessoas eram presas e torturadas por falarem a verdade. Nessa história todo o reino foi perseguido, para poder silenciar as verdades, o rei dava ordens aos súditos para aprisioná-las no sótão do castelo conforme Rocha (2003, p. 23)

> - Verdade? Eles dizem a verdade? Pois eu não gosto desta tal de verdade! Prendam todas as verdades! Percorram o reino! Vasculhem as cidades!

> Corram pelas ruas, entrem pelas casas! Espiem debaixo das camas! Remexam nas gavetas! E prendam todas as verdades! Quero todas muito bem presas no sótão real! Todas, todinhas! Embrulhadas, amarradas, presas no sótão real!

Contudo, a população sempre encontrava alternativas para não deixar de expressar o que elas realmente pensavam.

Mesmo as pessoas conversando dentro de casa, dentro do quarto, falando bem baixinho, as verdades escapuliam pelas frestas e se alastravam pela cidade, e quando os soldados corriam atrás de uma, logo viam mais delas correndo na esquina, tantas eram que não davam conta de prendê-las, pois elas eram bastante ligeiras e estavam por toda parte.

Mas o rei era insistente, então resolveu reprimir de outra forma, dando mais uma ordem, pois estava furioso,

> Ah [...] Então as pessoas falam! Falam as verdades, não é? Pois prendam as pessoas! Prendam todo mundo! No sótão real! Todo mundo! Até a rainha! Até os ministros! Até os soldados! Todo mundo! Quero ver como é que eles vão espalhar as verdades! (ROCHA, 2003, p. 28).

Todas as pessoas do reino, inclusive a rainha, entraram no palácio e seguiram à caminho do sótão. Chegando lá, todos ficaram apertados pela grande quantidade de pessoas num só lugar.

Mas o pior não foi isso, o pior foi que as pessoas estavam com o coração desconsolado de tanta tristeza.

Porém, já que estavam presas mesmo, e não tinham mais o que temer, resolveram cantar uma linda música para espantar a tristeza.

No entanto, da canção que entoavam, jorravam muitas verdades que iam espalhando-se pelo sótão, deixando todo mundo mais apertado ainda.

Como o aperto era muito grande, as pessoas foram ficando agitadas também, e com isso o castelo não suportou e foi rachando do teto ao chão, fazendo cair todos os exilados, no entanto, ao levantar-se do meio dos pedaços do castelo que restaram, muitos deles saíram cantando sua linda música, chorando, gritando e rindo, parecendo uma enorme explosão, que deixou o mundo mais belo.

Podemos relacionar a este episódio, uma realidade vivida por muitos músicos e artistas brasileiros, que tiveram suas vidas privadas do próprio país, sendo exilados, por dizerem as verdades.

Porém, nem o exílio nem qualquer outro tipo de repressão foram capazes de calar as verdades, pois os brasileiros encontraram outras formas de expressá-la através da arte.

Temos um exemplo em São Paulo, em 68, no Teatro Ruth Escobar, que durante a apresentação da peça *Roda Viva* de Chico Buarque, foi invadido por integrantes do Comando de Caças aos Comunistas (CCC), espancando os atores e deixaram o local completamente destruído. Ainda alguns artistas se veem obrigados a sair do país antes que algo mais trágico pudesse acontecer, como veio acontecer mais tarde em 69 com os cantores e compositores: Caetano Veloso, Gilberto Gil, Chico Buarque de Hollanda, Edu Lobo e Geraldo Vandré, exilados do Brasil, pois as letras de suas canções possuíam uma crítica muito forte ao sistema dominante[3].

A escritora Ruth Rocha viveu nessa época e não se calou, promovendo a capacidade de crítica para as crianças que lessem suas obras, para libertá-las das ideias entregues empacotadas.

Ainda em nossos dias, a escritora continua levantando em suas obras as problemáticas sociais contemporâneas vivenciadas a todo o momento pela população, do qual a criança também faz parte.

A fase dos escritores contemporâneos de Ruth ficou marcada pelo grande avanço na desmistificação e implantação de uma literatura que desenvolvesse o senso crítico do aluno.

Contudo, existe atrás deste avanço da Literatura Infantil Brasileira um grande entrave que assola nossas crianças: a indisposição à leitura e ao ato de pensar e expressar-se livremente.

Então, o que fazer diante disso?

Como desenvolver o incentivo à leitura e que ferramentas usar para isso?

Algumas indicações, sugestões e alternativas serão apontadas no próximo capítulo deste trabalho de conclusão de curso.

[3] Disponível em: < http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/heb10.htm >

3 SUGESTÕES PARA O USO DA LITERATURA INFANTIL EM SALA DE AULA

3.1 A literatura para crianças e sua função

A Literatura nasceu na Grécia antiga, de acordo com Silva e Zilberman (2008), exercendo a função de alegrar a nobreza no espaço de tempo entre uma luta e outra.

As obras *Ilíadas* e *Odisséia* - (adaptadas por Ruth Rocha) – ainda permanecem atuais, para os gregos, assim como a *Bíblia* permanece para os cristãos.

No entanto, atravessaram-se séculos até a Literatura receber este nome que ela tem hoje. Entretanto, unida ao currículo da escola, a Literatura sofre algumas alterações.

De acordo com Zilberman (apud: Mügge e Saraiva, 2006), antes de se tornar uma disciplina da escola, a Literatura passou por uma etapa de transcrição, para a partir daí, tornar-se um texto, e um pouco adiante, um material didático, sendo assim, a poesia tornou-se parte da Literatura.

A instituição escolar sempre utilizou a Literatura como um instrumento de transmissão da língua nacional e da produção literária, as duas, tanto a escola como a Literatura, caminharam juntas firmando uma parceria entre elas.

A escola, ainda que exija o ensino e o saber da Literatura, não demonstra explicitamente qual é o tipo de Literatura que ela almeja seguir.

Porém, dentro da instituição de ensino, o conteúdo que a Literatura tem se preocupado exclusivamente é com a transmissão de história literária como o Romantismo e conceitos genéricos como os personagens da história; aspectos esses que não fazem parte do cotidiano do leitor, não gerando reflexão nem posicionamento crítico.

Podemos perguntar então, por que deveria ser diferente? Por três razões. A primeira razão é de cunho prático, pois, se a escola não formar leitores competentes irá quebrar o elo que a une com a Literatura. A segunda razão é de caráter funcional, ou seja, o ensino pode cumprir um papel mais agradável tanto para o educador, quanto para o educando, se inserir a poesia em seu currículo. A terceira razão de

cunho pedagógico e que é a razão da educação existir é a formação escolar da criança para torná-la apta ao exercício da cidadania de maneira consciente, a ter uma convivência tranquila com si própria e com os outros que a rodeiam, e a desenvolver a experiência lúdica da imaginação.

Nessa mesma perspectiva, nos PCNs / Temas Transversais (2001), é assegurado o direito de falar e ser ouvido pelas pessoas, sendo estes, atos de cidadania.

Benjamim (2002) afirma que a criança é caracterizada como um ser que contém “potencialidade revolucionária” que não deve ser podada pelo adulto, o que ainda predomina, infelizmente em nossas salas de aula.

Esse potencial que a criança desenvolve, a faz viajar no mundo da imaginação, que, de acordo com Silva e Zilberman (2008), alimenta-se da fantasia do autor, que constrói suas imagens interiores para haver comunicação com o leitor.

Sendo assim, o texto é racional, porém, não deixa de ser lúdico e encantador com a invenção que surge no mais profundo de cada leitor; fazendo com que cada indivíduo saiba lidar com a ficção mais profunda, sempre mantendo contato com o real, pois necessita que a imaginação dependa da ordem sintática da língua.

Frente a estas informações, Silva e Zilberman (2008, p. 23) afirmam que

> Por isso, a literatura não deixa de ser realista, documentando seu tempo de modo lúcido e crítico; mas mostra-se sempre original, não esgotando as possibilidades de criar, pois o imaginário empurra o artista à geração de formas e expressões inusitadas.

Então, se faz necessário adquirir a percepção de que a literatura tem o papel de ativar a fantasia, mas também, esta, exige um posicionamento político. Nesse contexto, o texto literário entra num universo que, por mais distante que esteja do cotidiano, encaminha o leitor a uma reflexão sobre sua própria rotina e a introduzir experiências novas.

De acordo com Zilberman (2005), a Literatura compara-se à antiga lei de Lavoiser, onde nada se cria tudo se transforma, isso porque o escritor tem autonomia para adicionar experiências que ele tem e dar vazão à imaginação, podendo assim, ir além, criando pessoas, lugares, épocas e diversos dramas.

Com isso o leitor é levado a encontrar-se nos próprios personagens da história, de maneira que o autor ao escrever, considere que quem lê, carrega consigo

uma bagagem de vida, que não deve ser ignorada, se assim for, ambos – (escritor e leitor) – não caminham juntos.

3.2 Ferramentas e sugestões para o uso da Literatura Infantil na escola

Normalmente, conforme Faria (2007), quando se trabalha com atividades envolvendo a Literatura e a criação de textos narrativos ou poéticos, os professores exigem que seus alunos escrevam de maneira espontânea, como quem domina totalmente todos os recursos básicos para a construção de uma narrativa.

O professor tem a incumbência de ser formado ao menos na literatura básica, para então ter a competência de fazer a análise de livros para crianças, acertando ao selecionar qual obra as interessam mais em determinado momento, e levá-las a desenvolver sua espontaneidade fazendo a junção entre elementos literários e experiência de vida.

Com isso, Faria (2007, p. 21), afirma que a criança deve ser conduzida à organizar os

> [...] “pequenos saberes” que as crianças já possuem em seu contato diário com todo tipo de histórias que acontecem à sua volta: dos relatos de acontecimentos familiares aos vistos na tevê, que incluem não apenas os programas infantis e os desenhos animados, mas também os fatos do noticiário e reportagens dos jornais televisivos, cujos elementos básicos são geralmente organizados com a estrutura de narrativas.

É necessário que os educadores fiquem atentos à dois fatores muito importantes para trabalhar a literatura com as crianças, o primeiro é a escolha do livro, o segundo é como trabalhar com este livro.

Saber escolher a obra certa exige bastante atenção para não escolher uma que transcenda a capacidade do leitor de absorvê-la por ser tão difícil comparado à idade do usuário, ou então, uma tão fácil para sua faixa etária, que gere descontentamento e desânimo para com a leitura.

Os contos atuais possuem uma nova roupagem, pois se aproximam do dia-a-dia das crianças, o que não acontecia com os tradicionais.

Sendo assim, esses contos modernos são bastante relevantes no processo formador de jovens e crianças, como bem coloca Candido (1972), quando afirma que a Literatura faz parte da formação das pessoas.

Concordando com Candido, Silva e Zilberman (2008), reforçam dizendo que a Literatura faz parte da educação do indivíduo e que este, consumindo-a, só irá enriquecer.

Nas narrativas contemporâneas, de acordo com Faria (2007), tanto o texto quanto a ilustração são essenciais, de maneira que os dois se unem para levar o leitor a uma boa compreensão.

Mas, como profissionais da educação, ainda somos tendenciosos a resgatar a maneira tradicional de leitura, limitando-se aos questionários ou os aspectos de significação das histórias, com isso a riqueza das obras deixam de ser exploradas.

Tais práticas tradicionais, conforme Faria (2007, p. 116), "[...] limitam a compreensão e a fruição de um texto literário, e não aprofundam o domínio das estruturas narrativas e de outros elementos literários.".

Porém, não há uma receita pronta para o gosto e o incentivo à leitura, pelo fato de o contexto e a individualidade dos leitores serem diferentes; o que podemos usar são sugestões já testadas e que fizeram sucesso. É claro que cada educador poderá adaptar conforme o público vigente e a realidade local.

Assim, de acordo com Faria (2007, p. 132),

> [...] proporemos aos professores sugestões para o aprofundamento da leitura da narrativa [...]. São linhas gerais e aspectos pontuais de atividades a serem aproveitadas pelos professores, que as adaptarão às suas práticas e à sua maneira de lidar com os livros infantis em sala de aula.

O educador, ao preparar seu roteiro pedagógico para o ano letivo, deve levar em consideração o calendário anual, e mais especificamente, os meses e as semanas para poder destinar à leitura de narrativas.

É interessante considerar três momentos em que se queira trabalhar a leitura de narrativas para crianças, Faria (2007, p. 132-133), indica que o professor deve

> oferecer um tempo para a leitura livre na biblioteca, dando-se inteira liberdade aos alunos para folhearem livros, escolher o que querem ler e fazê-lo por inteiro ou não. Estabelecer aulas de leitura coletiva e espontânea na sala de aula, com livros escolhidos pelo professor ou pela turma, ou por sugestão de alunos, com troca de ideias sobre a narrativa, com a finalidade apenas de ler a história pelo prazer de ler uma narrativa. Também já reser-

> vando aulas para o aprofundamento da leitura, selecionar alguns livros do item anterior para trabalho durante o ano letivo, nos quais, o professor escolherá apenas um aspecto a ser tratado com a classe. É importante salientar a necessidade de não sobrecarregar os alunos, tentando trabalhar com muitos aspectos no mesmo dia e com a mesmo história.

No entanto, para colocar em prática estas propostas sugeridas acima, requer-se antes de tudo, uma análise da narrativa, tanto verbal quanto imagética, aprofundada pelo educador para selecionar o assunto a se trabalhar.

Quando o professor perceber que o aluno já possui uma ideia mais consistente a respeito dos três momentos da história, devagar, apresentará um quadro de resumo da estrutura narrativa como segue informando Faria (2007, p. 134),

> Visualizando o quadro e copiando-o em seu caderno (o professor pode também fazer um painel que mostrará nas análises futuras), os alunos poderão inventar pequenas histórias seguindo o quadro. Primeiro coletivamente, quando a classe escolhe personagens e a situação inicial. Esse primeiro parágrafo será escrito no quadro, quando já se corrigirão problemas de língua, e copiado no caderno.

Ainda nesta mesma atividade, dê um tempo para que todos pensem uma história e a contem para a turma após o momento estipulado. Esta etapa da atividade fica bastante interessante se um integrante do grupo é incumbido de contar para todos a história do grupo. O assunto da narrativa pode ser um fato da vida do aluno ou de toda a equipe, ou até mesmo realidades acontecidas na família ou no bairro.

Outra sugestão válida, é pedir para eles escreverem uma história para ser lida para a classe (escolhida à sorteio), na aula posterior.

Podemos fechar esta atividade fazendo a análise dos livros lidos. É sempre bom começar com narrativas curtas como as tirinhas, por exemplo, que facilitam a identificação dos três momentos que compõem a narrativa.

Podemos trabalhar também além da análise verbal, a não verbal, que é bastante e bem explorada por excelentes ilustradores contemporâneos, estimulando nos alunos a capacidade de observação.

Um excelente exemplo de ilustração bem construída que enriquece a história está presente no *Reizinho Mandão* de Ruth Rocha, porém, desenhada pelo ilustrador Walter Ono.

Vejamos algumas delas abaixo:

Figura 1 – O Reizinho Mandão.

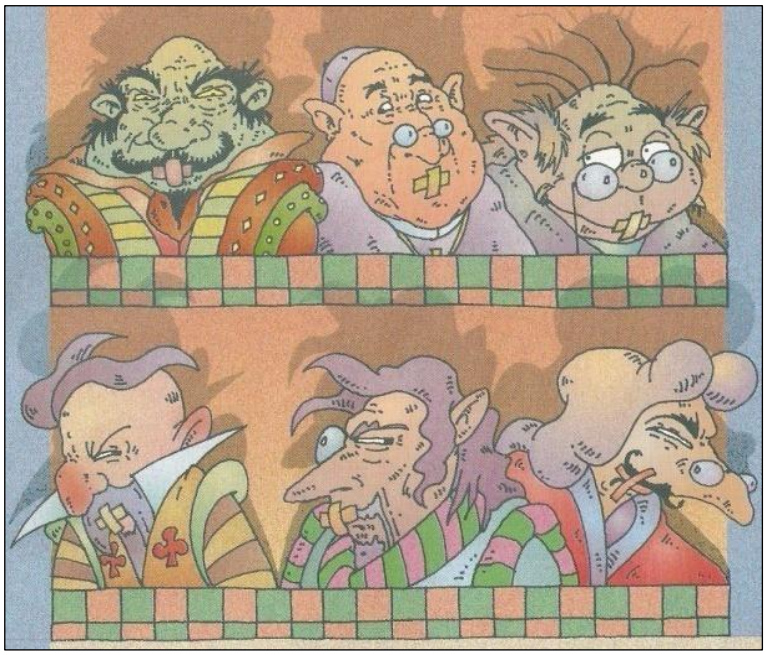

Figura 2 – Ministros, embaixadores e professores.

Nas figuras 1 e 2, podemos trabalhar com os alunos, antes de lermos esta história com eles, somente com as imagens e as legendas, pedindo para que construam a sua própria história a partir das ilustrações fornecidas.

Com este tipo de atividade, o aluno irá desenvolver sua habilidade de observação, já citada anteriormente através de Faria (2007).

Agora, quando a criança for ler a obra, especificamente na página em que esta imagem está inserida, provavelmente fará a associação dos quadradinhos que saem da boca do Reizinho (figura 1) com palavras mal-educadas, e a boca de vários homens isoladas com fita (figura 2), poderá associar ficção a várias realidades vivenciadas no dia-a-dia até por ela mesma, que por vezes acaba sendo obrigada a se calar.

Vejamos o fragmento referente às ilustrações através da narrativa

> Os conselheiros do rei ficavam desesperados, tentavam dar conselhos a ele, que afinal é para isso que os conselheiros existem. Eles explicavam que um rei tem de fazer leis importantes, para tornar o povo mais feliz. Mas o reizinho não queria saber de nada. Era só um conselheiro qualquer abrir a boca para dar um conselho, e ele ficava vermelhinho de raiva, batia o pé no chão e gritava de maus modos: - Cala a boca! Eu é que sou o rei. Eu é que mando. (ROCHA, 1997, p. 12)

Figura 3 – O povo reduzido ao silêncio.

Da mesma forma que as figuras anteriores, esta pode ser trabalhada junto e antes da leitura. Muitos perceberão o que está faltando na cena (boca) e logo irão deduzir o porquê e irão dialogar a respeito, levantar hipóteses e gerar discussões, cada um apropriando-se dos conhecimentos e experiências que já carregam consigo desde cedo. Após o diálogo prévio, deve-se promover a leitura coletiva da história.

Quem diz essas afirmações é Silva e Zilberman (2008, p. 23),

> A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam experiências e confrontam-se gostos. Portanto, não se trata de uma atividade egocêntrica, se

> bem que, no começo, exercida solitariamente; depois, aproxima as pessoas e coloca-as em situação de igualdade, pois todos estão capacitados a ela.

Após a leitura, pode-se propor uma dinâmica podendo ser nomeada de “Jejum de Palavras”, o educador cronometra um tempo que ache necessário, onde nesse ínterim, não poderá ressoar nenhum som na classe. Esta brincadeira é interessante e pode ser associada com a história onde o professor perguntará: “-Quem gostou de ficar um tempinho sem falar?”, assim ressaltar a liberdade que nós temos como cidadãos de expressarmos o que pensamos.

Ainda, para finalizar, o docente pode inserir em seu calendário anual, uma apresentação com a peça teatral de *O Reizinho Mandão.*

Segundo Faria (2007), o professor deve se atentar na hora da escolha de um livro para dramatizar, porque não pode haver dificuldades com o cenário, pois a peça deve ser realizada com elementos simples.

Outra obra a ser trabalhada com os alunos é *Sapo vira Rei vira Sapo*, também ilustrada por Walter Ono.

Vejamos algumas imagens:

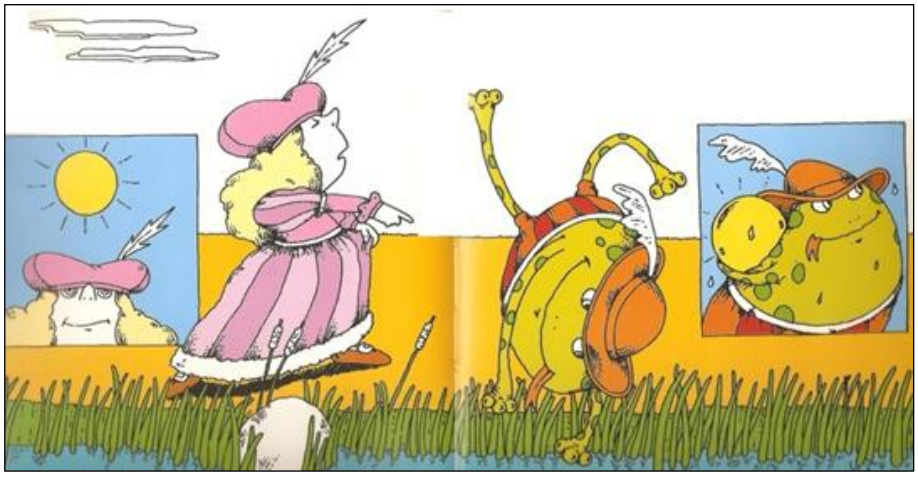

Figura 4 – A princesa e o sapo.

Aqui, na figura 4 o ilustrador brinca junto com a estética da arte. Os personagens que fazem parte da história e que estão inseridos dentro dos quadros estão representando o pensamento que cada um teve para verem suas necessidades supridas; a da princesa, de ter sua bola de ouro de volta, tendo que submeter-se a beijar o sapo ou não recuperaria sua bola caída no fundo do rio; e o sapo, bem esperto,

que aproveitou a oportunidade para exigir em troca da bola, o beijo tão esperado, para voltar a ser um príncipe.

Podemos aproveitar para trabalhar com os alunos muitas questões que eles mesmos levantarão, no entanto, aspectos essenciais são companheirismo e ajuda mútua desprendidos de interesses pessoais, tendo em vista o bem-estar do próximo.

Figura 5 – A verdade dói.

Na figura acima, Walter Ono expressa através de sua ilustração, a indignação do mesmo reizinho da história anterior frente as verdades que a princesa e a população diziam a seu respeito. Porque a esposa do rei não era conivente com seus erros, então, aliou-se ao povo como protesto.

Muitas vezes, não só os alunos, como também nós como educadores, não temos a coragem de sermos sinceros uns com os outros, e não falamos a verdade, é por isso que acostumamos a ter alguém se impondo sobre nós e recebermos as ideias prontas sem discussão.

A figura da princesa e da população são modelos que devemos imitar, podendo promover debates sobre os nossos direitos, os dos outros.

E, se estivermos sendo lesados, procurarmos alçar a voz, pois só assim, a vida poderá ser melhor.

Na próxima figura observe a atitude de quem domina, querendo continuar o seu domínio e tendo poder sobre a liberdade das pessoas:

Figura 6 – Prendendo as verdades.

Não suportando ouvir a realidade, reprimia as pessoas de várias formas, mas isso não foi o suficiente para elas deixarem de expressar-se com palavras sinceras. Mesmo sendo presas, e proibidas de falar, todos no reino, inclusive a rainha, entoaram uma linda canção mesmo presas no sótão real. Porém a verdade sempre aparece, e desta canção, de acordo com Ruth (2003), pularam muitas verdades que trouxeram-lhes a liberdade novamente.

E o Reizinho, novamente vira sapo por conta do desencantamento, e a escritora brinca com o leitor, para não se enganarem com a alegria do cortejo, porque a história se repete, pois o sapo espera um beijo.

No entanto, Silva e Zilberman (2008, p. 24), afirmam que a literatura “[...] revela outro ângulo educativo [...] induz a algumas práticas socializantes, que estimuladas, mostram-se democráticas, porque igualitárias.”.

Por isso, em atitudes corriqueiras como, por exemplo, a escolha para o local da aula é prazeroso quando os alunos podem se manifestar democraticamente. Exercendo assim, a liberdade de sermos ouvidos.

Há, no entanto, um aspecto essencial na Literatura, a fantasia, que leva o leitor a entender suas dificuldades, refletir a respeito delas e encontrar um caminho para resolver seus problemas interiores e sua forma de socializar-se com os outros.

Como já mencionado anteriormente, os assuntos aqui tratados não são regras, apenas sugestões para o educador-desbravador.

Sendo assim, Silva e Zilberman (2008, p. 24), cita, “Creio que o professor ideal seria o que examinasse qualquer obra-prima que estivesse apresentando a seus alunos *quase* como nunca a tivesse visto antes.”.

Devemos nos comprometer como educadores para desenvolver mentes livres, com capacidade crítica, e não clones uns dos outros.

Mas para que isso aconteça, é preciso que não sejamos profissionais como o reizinho mandão, nem tampouco virarmos um sapo, como acontece com nosso personagem como podemos perceber na figura 7.

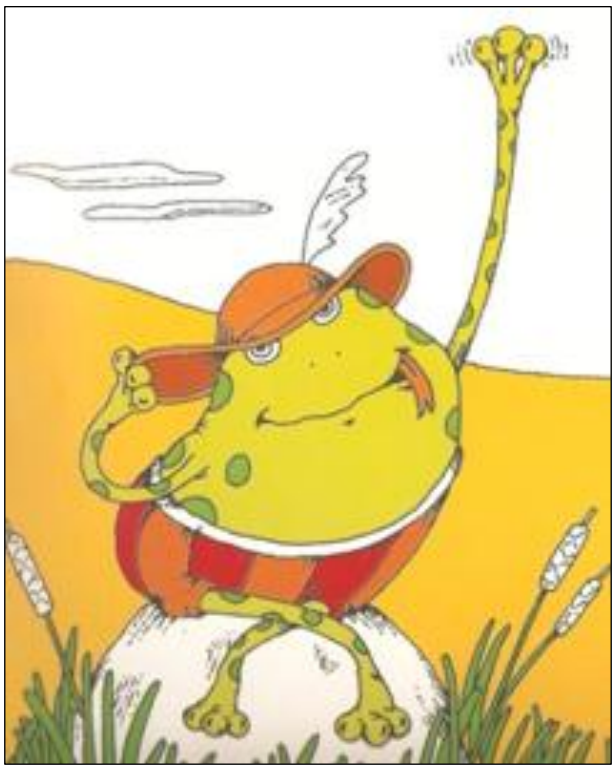

Figura 7 – Vira sapo.

CONCLUSÃO

Tendo em vista que a literatura nasceu na Grécia Antiga, possuindo o nome inicial de poesia, na Europa ela só foi se preocupar com a produção para os pequenos leitores, a partir do século XVIII, mudando sua maneira de enxergar a criança.

Com bastante atenção dedicada a ela, a criança torna-se, alvo do avanço nas adaptações de obras de adulto para uma linguagem mais apropriada.

Entretanto, a Literatura Infantil só vem aparecer em nosso país por volta da proclamação da república, sendo um momento de significativas mudanças políticas.

Porém, surgindo a escola mais tarde, esta assume uma função apenas patriótica, ufanista e utilitarista.

Com a demanda de alunos, a indústria literária aumenta sua produção para atender à clientela, porém, atenta apenas para a quantidade de livros.

No entanto, por mais terrível que tenha sido a Ditadura militar no Brasil, ela corroborou para o crescimento qualitativo das obras produzidas a partir da década de 70, pois os escritores e compositores não possuíam mais a liberdade de escrever por causa da censura. Porém, a produção de obras infantis neste período não foi barrada por ser considerada sem importância e valor.

Mas foi aí que se destacaram grandes escritores como a Ruth Rocha, por exemplo, que se dedicou a escrever livros que tornassem o leitor mais crítico e abrisse a mente para opinar e não aceitar o que estava posto, fazendo uso da literatura para a infância como seu escape de inconformismo com o sistema político.

Porém, até hoje, a autora é destaque nas escolas e recebe vários prêmios destinados a categorias infantis de livros.

As obras de Ruth trabalhadas no último capítulo como sugestão ao educador, exploram bastante a questão da liberdade que a criança tem em expressar o que pensa, possuindo voz e vez.

Isso deve ser aplicado sempre no dia-a-dia do professor e dos alunos em sala de aula.

Por isso que, mesmo *O Reizinho Mandão* e *Sapo vira Rei vira Sapo* sendo obras escritas nas décadas de 70 e 80, continuam atuais e abrem várias possibilidades de trabalhar em sala de aula, visto que ainda, infelizmente, perdurem alguns reizinhos mandões na atualidade.

Sendo assim, fica o desafio para o educador aplicar as sugestões inseridas neste trabalho, lembrando-se de adaptá-las de acordo com a idade, contexto e a necessidade da turma, que só o professor conhece.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBINO, Lia Cupertino Duarte. **A literatura infantil no Brasil: origem, tendências e ensino**. Disponível em <http://www.litteratu.com/literatura_infantil.pdf>. Acessado em 29 jun. 2010

BENJAMIN, Walter**. Reflexões sobre a Criança, o Brinquedo e a Educação**. 1ª Ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. In: *Ciencia e cultura*. São Paulo, 1972.

EDUCAÇÃO, Ministério. **Parâmetros curriculares nacionais:** Temas transversais. Brasília, MEC/SEF, 1998.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a Literatura Infantil em sala de aula**. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 31ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira:** história e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MÜGGE, Ernani; SARAIVA, Juracy Assmann. **Literatura na Escola:** Propostas para o ensino fundamental. Porto Alegre: artmed, 2006.

ROCHA, Ruth. **O Reizinho Mandão**. São Paulo: Quinteto, 1997.

ROCHA, Ruth. **Sapo vira rei vira sapo** ou **A volta do Reizinho Mandão**. 2ª Ed. São Paulo: Salamandra, 2003.

SILVA, Petrônio Vieira da. **A Literatura Infantil e seu uso Pedagógico na Educação**. In: CADERNOS DA FUCAMP, 1/10, 2007, Monte Carmelo.

SILVA, Theodoro da Silva; ZILBERMAN, Regina. **Literatura e Pedagogia:** Ponto e Contraponto. 2ª Ed. São Paulo: Global, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura Infantil na Escola**. 4ª. Ed. São Paulo: Global,1985.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

ZUGNO, Ana Lucia Ioppi. Usos da literatura infantil no estado novo : o caso de As aventuras de Tibicuera. In: DISSERTAÇÃO, 2007, Universidade Sul Catarinense: UNESC. Disponível em: <http://www.bib.unesc.net/pergamum/biblioteca/index.php?codAcervo=78648#posicao_dados_acervo>. Acesso em: 01 jul. 2010.

ZUGNO, Ana Lucia Ioppi; FRITZEN, Celdon. **A literatura infantil no estado novo: usos pedagógicos e políticos**. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 6, 2006, Uberlândia. **Anais**. Uberlândia: UFU/FACED, 2004, p. 2497- 2504. Disponível em: <http://www.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/222AnaLuciaZugno_e_CeldonFritzen.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2010